



O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 2

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)

**Atena**
Editora
Ano 2019

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra

(Organizadora)

O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C749 O conhecimento na competência da teoria e da prática em enfermagem 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-168-8

DOI 10.22533/at.ed.688191203

1. Enfermagem – Estudo e ensino. I. Sombra, Isabelle Cordeiro de Nojosa.

CDD 610.73

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 3 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 23 capítulos, o volume II aborda a Enfermagem no contexto educacional, com enfoque para ensino, pesquisa, capacitação dos profissionais atuantes na área e o processo de educar em saúde para sua promoção.

A estratégia educativa em Enfermagem protagoniza uma mudança de cenário na saúde desde a formação profissional, até a promoção da saúde para os usuários dos serviços. Nesse sentido, os estudos realizados contribuem para seu entendimento quando trabalham as mais diversas temáticas, dentre elas a educação para o autocuidado, educação permanente como ferramenta para melhoria na qualidade da assistência, além do uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem e tecnologias que facilitam a compreensão e o aprendizado. Assim, a educação em Enfermagem é fundamental em todos os campos de sua atuação, seja em sua inserção na assistência hospitalar, na Atenção Básica, ou mesmo na formação e capacitação de profissionais da área.

Portanto, este volume II é dedicado ao público usuário dos serviços de saúde, no tocante ao desenvolvimento de práticas de autocuidado e de promoção da saúde, além de ser de extrema relevância para enfermeiros atuantes na assistência, docentes da área e discentes, trazendo artigos que abordam experiências do ensino e aprendizagem no âmbito da saúde aos mais variados públicos.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer e estimular as práticas educativas pelos profissionais de enfermagem, desde a atuação assistencial propriamente dita, até a prática dos docentes formadores e capacitadores, buscando cada vez mais a excelência no cuidado em enfermagem, e disseminando práticas promotoras da saúde.

Isabelle C. de N. Sombra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO PROPOSTA DE MELHORIA NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Mérlim Fachini Paola Forlin Suzete Marchetto Claus	
DOI 10.22533/at.ed.6881912031	
CAPÍTULO 2	16
A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE CAPACITAÇÃO EM DROGAS PARA ATENÇÃO BÁSICA E COMUNIDADE TERAPÊUTICA	
Raquelli Cistina Neves Araújo Yanna Cristina Moraes Lira Nascimento Maria Cícera dos Santos de Albuquerque Givânia Bezerra de Melo Natália Luzia Fernandes Vaz Thyara Maia Brandão Jorgina Sales Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.6881912032	
CAPÍTULO 3	29
A IDENTIDADE SOCIAL DA ENFERMAGEM E AS INTERFACES COM A DECISÃO PROFISSIONAL DO ACADÊMICO	
Emillia Conceição Gonçalves dos Santos Geilsa Soraia Cavalcanti Valente Claudia Maria Messias Caroline Brelaz Chaves Valois Yasmin Saba de Almeida Ângela do Couto Capetini Joana Maria Silva Firmino Viviani Bento Costa Barros da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6881912033	
CAPÍTULO 4	50
A PESQUISA SOB O SUPORTE DA ERGOLOGIA: REFLEXÕES PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR	
Rosane Teresinha Fontana Francisco Carlos Pinto Rodrigues Jane Conceição Perin Lucca Marcia Betana Cargnin Narciso Vieira Soares Zaléia Prado de Brum	
DOI 10.22533/at.ed.6881912034	
CAPÍTULO 5	61
A SAÚDE NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS: FORTALECENDO AS AÇÕES DE COMBATE AO MOSQUITO <i>Aedes Aegypti</i>	
Helyane Candido Pereira Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho Daniele Castro Aguiar Pimenta Elizabeth Gonçalves Magalhães Filha Cíntia de Lima Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.6881912035	

CAPÍTULO 6 68

AÇÃO EDUCATIVA: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E PREVENÇÃO DO COLO UTERINO COM MULHERES DA ILHA DE COTIJUBA EM BELÉM

Girlane Alves Pinheiro
Elen Fernanda Lima De Moraes
Joana D'arc Da Silva Castanho
Shirley Aviz De Miranda

DOI 10.22533/at.ed.6881912036

CAPÍTULO 7 74

ALÉM DA TEORIA: FOLDER EDUCATIVO SOBRE SAÚDE DA MULHER E DA CRIANÇA

Sammya Rodrigues dos Santos
Bruno Côte Santana
Daniela Faria Lima
Lídia Rosa Alves da Silva
Pâmela Souza Peres
Rayanne Augusta Parente Paula
Casandra Genoveva Gonzales Martins Ponce de Leon

DOI 10.22533/at.ed.6881912037

CAPÍTULO 8 90

ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: RELATO SOBRE SUA APLICABILIDADE EM ESTUDOS DE ENFERMAGEM

Andressa da Silveira
Neila Santini de Souza
Ethel Bastos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.6881912038

CAPÍTULO 9 98

CHECK-LIST DE EXAME FÍSICO: REPERCUSSÕES NO ENSINO APRENDIZADO DA ENFERMAGEM FUNDAMENTAL

Vinicius Rodrigues de Souza
Gisella de Carvalho Queluci
Amanda Ribeiro Mendonca
Suelem Couto Friar Dias
Juliane da Silveira Jasmim
Leylane Porto Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.6881912039

CAPÍTULO 10 104

EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA PARA O AUTOCUIDADO DE IDOSOS COM DOENÇAS CRÔNICAS

Camila Medeiros dos Santos
Edna Aparecida Barbosa de Castro

DOI 10.22533/at.ed.68819120310

CAPÍTULO 11 120

EDUCAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA PARTICIPATIVA EM SAÚDE

Zaléia Prado Brum
Narciso Vieira Soares
Rosane Teresinha Fontana
Jane conceição Perim Lucca
Sandra Maria Cardoso Melo
Francisco Carlos Pinto Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.68819120311

CAPÍTULO 12 129

ENSINO TÉCNICO DE ENFERMAGEM: O USO DO PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA FACILITADORA

Antonio Dean Barbosa Marques
July Grassiely de Oliveira Branco
Rochelle da Costa Cavalcante
Maria Cecilia Cavalcante Barreira
Francisca Bertilia Chaves Costa

DOI 10.22533/at.ed.68819120312

CAPÍTULO 13 140

FALTA DE REGISTRO NO LIVRO DE SINTOMÁTICOS RESPIRATÓRIOS: PLANO DE INTERVENÇÃO

Fabiana Ferreira Koopmans
Gisele de Araújo Peixoto
Donizete Vago Daher
Paula Soares Brandão

DOI 10.22533/at.ed.68819120313

CAPÍTULO 14 154

FASES DO PROJETO CONCEITUAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PROTÓTIPO

Katia Cilene Ayako Inomata
Mildred Patrícia Ferreira da Costa
Silvia Cristina Furbringer e Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120314

CAPÍTULO 15 161

FORMAÇÃO DE GRUPO DE PESQUISA SOBRE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fernanda Sant'Ana Tristão
Vania Greice da Paz Schultz
Natieli Cavalheiro Viero

DOI 10.22533/at.ed.68819120315

CAPÍTULO 16 167

NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA ENTRE ESTUDANTES DO NÍVEL TÉCNICO DE ENFERMAGEM E ENFERMEIROS

Alan Jonathas Da Costa
Silvia Emanoella Silva Martins De Souza
Jônatas De França Barros
André Ribeiro Da Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120316

CAPÍTULO 17 181

O CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE A DOENÇA CORONARIANA

Bruna da Silva Oliveira
Marli Villela Mamede
Líscia Divana Carvalho Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120317

CAPÍTULO 18 194

PRÁTICA DO DOCENTE DE ENFERMAGEM EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: EVIDÊNCIAS DA SAÚDE MENTAL

Claúdia Maria Messias

Geisa Soraia Cavalcante Valente
Elaine Antunes Cortez
Patricia Veras Neves De Oliveira
Emília Conceição Gonçalves Dos Santos
Fabiola Chaves Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.68819120318

CAPÍTULO 19 203

REFLETINDO SOBRE O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Jane Conceição Perin Lucca
Zaléia Prado de Brum
Rosane Teresinha Fontana
Márcia Betana Cargnin
Kelly Cristina Sangói
Alessandra Frizzo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120319

CAPÍTULO 20 213

SABERES E PRÁTICAS DE IDOSOS COM DIABETES *MELLITUS*

Adriana Lira Rufino de Lucena
Alinne Cassemiro Inácio
Suellen Duarte de Oliveira Matos
Iraktânia Vitorino Diniz
Maria Júlia Guimarães Soares Oliveira
Simone Helena dos Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.68819120320

CAPÍTULO 21 222

SITUAÇÃO PROBLEMA NO EXAME FÍSICO EM CLIENTES HEMATOLÓGICOS: UMA VISÃO DO ENFERMEIRO

Vinicius Rodrigues de Souza
Gisella de Carvalho Queluci
Amanda Ribeiro Mendonca
Suelem Couto Friar Dias
Juliane da Silveira Jasmim
Leylane Porto Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.68819120321

CAPÍTULO 22 229

VER-SUS: UMA EXPERIÊNCIA EXCEPCIONAL PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA REALIDADE DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Berthiéli Aparecida Menegat
Carlice Maria Scherer

DOI 10.22533/at.ed.68819120322

CAPÍTULO 23 236

VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE. PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Caroline Moura Da Silva
Karla Samara Da Silva Santos
Alexia Aline Da Silva Moraes
Marizete Alves Da Silva De Amorim Barreto
Jenifen Miranda Vilas Boas

DOI 10.22533/at.ed.68819120323

A IDENTIDADE SOCIAL DA ENFERMAGEM E AS INTERFACES COM A DECISÃO PROFISSIONAL DO ACADÊMICO

Emillia Conceição Gonçalves dos Santos

Professora da disciplina de Enfermagem em Unidades de Maior Complexidade. Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, RJ.

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

Professora Departamento de Fundamentos de Enfermagem e Administração, EEAAC/UFF. Niterói, RJ.

Claudia Maria Messias

Professora Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica. EEAAC/UFF. Niterói, RJ.

Caroline Brelaz Chaves Valois

Enfermeira da Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Amazonas (SUSAM). Manaus, AM.

Yasmin Saba de Almeida

Graduada em Enfermagem pela EEAAC/UFF. Niterói, RJ.

Ângela do Couto Capetini

Graduada em Enfermagem pela EEAAC/UFF. Niterói, RJ.

Joana Maria Silva Firmino.

Graduada em Enfermagem pela EEAAC/UFF. Niterói, RJ.

Viviani Bento Costa Barros da Rocha

Graduada em Enfermagem pela EEAAC/UFF. Niterói, RJ.

RESUMO: Objetivos: Compreender as implicações da imagem da Enfermagem pela sociedade no processo de decisão profissional. Descrever a concepção dos graduandos de Enfermagem quanto às influências da configuração identitária da profissão. Analisar como a identidade social da Enfermagem influencia no processo de decisão profissional.

Metodologia: abordagem qualitativa, exploratório-descritiva, de campo. Teve como participantes 25 graduandos de Enfermagem do quinto período. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um roteiro semi-estruturado e realizada a análise temática de conteúdo. Claude Dubar foi eleito para referencial teórico.

Resultados e discussão: foram elaboradas quatro categorias temáticas que emergiram dos discursos, por meio de 117 unidades de registro: 1- O ser enfermeiro: identidade para si. Categoria 2- A opção pela Enfermagem: caminhos e descaminhos da escolha profissional. Categoria 3- A reação da família/amigos: identidade para o outro. Categoria 4- Projetando o futuro profissional. **Conclusão:** Os graduandos trazem consigo interpretações do que é *ser enfermeiro*, a partir de suas vivências e experiências, consubstanciadas com o que a sociedade pensa a respeito da figura do enfermeiro. A escolha pela Enfermagem se dá por inúmeros caminhos, que se interligam e tornaram a Enfermagem parte fundamental da

vida desses estudantes. A multifatoriedade percebida neste estudo encontrou respaldo na literatura científica e apuram-se paradigmas da Enfermagem historicamente alicerçados, veiculados e condensados nas abstrações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: identidade própria, autoimagem, papel do profissional de Enfermagem, papel do enfermeiro, escolha da profissão.

ABSTRACT: Objective: This study aim to understand implications of Nursing image by society in the student's decision-making process. Identify the students' conception of the influences of the identity configuration of the profession. Analyze how the conception about the social identity of Nursing has repercussions in the academic's professional decision process. Methods: qualitative, exploratory-descriptive. Subjects: Nursing students. Theoretical reference: Sociologist Claude Dubar. Instrument: semi-structured questionnaire. Data analysis: thematic analysis of content. Results: thematic categories: 1- Being a nurse: identity for yourself. 2- The option for Nursing: the journey and paths of professional choose. 3 - The reaction of family and friends to Nursing: identity for the other. 4 - Designing the professional future. Conclusions: Students interpretations of what it is to be a nurse come from life's experiences and society's thinking about that figure. The choice for Nursing takes place through innumerable interrelated paths and has variables, establishing paradigms and allegories of Nursing historically grounded, conveyed and condensed in social abstractions.

KEYWORDS: self-image, nurse's role; career choice.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem pode ser definida como ciência humana, de pessoas com campo de conhecimento, fundamentações e práticas do cuidar dos seres humanos que abrangem as áreas de saúde e doenças. As ações de Enfermagem ocorrem através de relacionamentos pessoais, profissionais, científicos, estéticos, éticos e políticos (LIMA, 2005).

O desenvolvimento da Enfermagem, ao longo dos anos, nos mostra uma trajetória de lutas por espaço e reconhecimento profissional. Muitas foram e ainda são as dificuldades enfrentadas pela profissão no que tange à construção de um saber específico que confira cientificidade às suas ações e visibilidade social. A imagem profissional remete à própria identidade profissional em sua intrincada rede de significados, que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão e se consubstancia, assim, na própria representação da identidade profissional, que é em si um fenômeno histórico, social e político (PADILHA; NELSON; BORENSTEIN, 2011, p.248).

A trajetória da Enfermagem trás consigo, diversos estigmas e preconceitos que são reforçados pelo fato de que, além de ser uma profissão de desempenho eminentemente manual, carrega ainda a fragilidade de, em todos os tempos, ter sido exercida por mulheres, sendo considerada, portanto, como um trabalho socialmente

desvalorizado (OGUISSO; FREITAS, 2015).

As práticas de saúde mágico-sacerdotais abordavam a relação mística entre as práticas religiosas e de saúde primitivas desenvolvidas pelos sacerdotes nos templos. Este período corresponde à fase de empirismo (em que as coisas se faziam por tentativa e erro, sem nenhum fundamento científico, mas sim com base na experiência de quem ministrava os cuidados). Essas ações permaneceram por muitos séculos desenvolvidas nos templos, que, a princípio, foram simultaneamente santuários e escolas, onde os conceitos primitivos de saúde eram ensinados (BORENSTEIN; SANTOS; PADILHA, 2011).

Apresenta pertinência o supramencionado visto que o cuidar do ser humano enquanto um dos condicionantes da manutenção da vida, sempre pertenceu às mulheres, desde as eras pré-patriarcais até o momento atual, pois estas eram identificadas à natureza, com a sua manutenção e recuperação, portanto, o cuidar devia pertencer a quem incorporasse em si a própria natureza (PORTO; AMORIM, 2012).

No início do Cristianismo, com a pregação de princípios como fraternidade, caridade e auto-sacrifício, os agentes de Enfermagem, geralmente eram pessoas ligadas à Igreja, os quais acreditavam que "atendendo aos pobres e enfermos estariam salvando a sua alma" (GEOVANINI et al, 2010 p.130).

As cruzadas, vistas como a expressão máxima do Imperialismo Medieval, trouxeram resultados significativos para a Enfermagem como a fundação de hospitais para o atendimento dos peregrinos e o surgimento de ordens militares de Enfermagem, as quais vieram a reforçar ideais de ordem, disciplina e obediência daquela prática (OGUISSO; FREITAS, 2015).

Ao final da Idade Média, a Enfermagem não estava subordinada, nem relacionada à prática médica, importava-se com a salvação do paciente e a de seus próprios agentes; a medicina ligava-se ao corpo do doente e à sua doença e estava destinada a curar. O Renascimento, as mudanças na estrutura social, a Reforma e outras, influenciaram o trabalho de Enfermagem em relação a seus agentes, que cada vez menos, era exercido pelos religiosos. "Inicia-se a laicização do cuidado de Enfermagem" (GEOVANINI et al., 2010 p. 137).

Por outro lado, a prática de saúde, antes mística e sacerdotal (inicia-se no século V a.C., estendendo-se até os primeiros séculos da Era Cristã), passa agora a ser um produto desta nova fase, baseando-se essencialmente na experiência, no conhecimento da natureza, no raciocínio lógico que desencadeia uma relação de causa e efeito para as doenças e na especulação filosófica, baseada na investigação livre e na observação dos fenômenos, limitada, entretanto, pela ausência quase total de conhecimentos sobre a anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa prática individualista volta-se para o homem e suas relações com a natureza e suas leis imutáveis. Este período é considerado pela medicina grega como período hipocrático, que propôs uma nova concepção em saúde, dissociando a arte de curar dos preceitos

místicos e sacerdotais, através da utilização do método indutivo, da inspeção e da observação. Não há caracterização nítida da prática de Enfermagem nesta época (PORTO; AMORIM, 2012).

As práticas de saúde medievais focalizavam a influência dos fatores socioeconômicos e políticos do medieval e da sociedade feudal nas práticas de saúde e as relações destas com o Cristianismo. Esta época corresponde ao aparecimento da Enfermagem como prática leiga, desenvolvida por religiosos e abrange o período medieval compreendido entre os séculos V e XIII. Foi um período que deixou como legado uma série de valores que, com o passar dos tempos, foram aos poucos legitimados e aceitos pela sociedade como características inerentes à Enfermagem. A abnegação, o espírito de serviço, a obediência e outros atributos que dão à Enfermagem, não uma conotação de prática profissional, mas de sacerdócio (BORENSTEIN; SANTOS; PADILHA, 2011).

As práticas de saúde pós-monásticas, evidenciam a evolução das ações de saúde e, em especial, do exercício da Enfermagem no contexto dos movimentos Renascentistas e da Reforma Protestante. Corresponde ao período que vai do final do século XIII ao início do século XVI. A retomada da ciência, o progresso social e intelectual da Renascença e a evolução das universidades não constituíram fator de crescimento para a Enfermagem (GEOVANINI et al., 2010). Enclausurada nos hospitais religiosos, permaneceu empírica e desarticulada durante muito tempo, vindo desagregar-se ainda mais a partir dos movimentos de Reforma Religiosa e das conturbações da Santa Inquisição. O hospital, já negligenciado, passa a ser um insalubre depósito de doentes, onde homens, mulheres e crianças utilizam as mesmas dependências, amontoados em leitos coletivos (OGUISSO; FREITAS, 2015).

Sob exploração deliberada, considerada um serviço doméstico, pela queda dos padrões morais que a sustentava, a prática de Enfermagem tornou-se indigna e sem atrativos para as mulheres de classe social elevada. Esta fase, que significou uma grave crise para a Enfermagem, permaneceu por muito tempo e apenas no limiar da revolução capitalista é que alguns movimentos reformadores, que partiram, principalmente, de iniciativas religiosas e sociais, tentam melhorar as condições do pessoal a serviço dos hospitais (PORTO; AMORIM, 2012)

Para Geovanini et al., (2010), as práticas de saúde no mundo moderno analisam as ações de saúde e, em especial, as de Enfermagem, sob a óptica do sistema político-econômico da sociedade capitalista. Ressaltam o surgimento da Enfermagem como atividade profissional institucionalizada. Esta análise inicia-se com a Revolução Industrial no século XVI que termina com o surgimento da Enfermagem moderna na Inglaterra, no século XIX. Até meados do século XIX, era praticamente nula a assistência aos enfermos nos hospitais, onde a insalubridade aumentava ainda mais o número de mortos. Em 1854, Florence Nightingale seguiu para a Guerra da Criméia, instalando em dois hospitais o seu serviço, prestando atendimento a quatro mil feridos. Florence ficou conhecida como a "Dama da Lâmpada", pois com uma lamparina na

mão ela percorria a enfermaria a noite. Com seu trabalho, Florence lançou as bases da Enfermagem moderna.

Desta forma, no início do século XIX, toma lugar o paradigma cientificista na tentativa de superar a concepção mágico-religiosa vigente até então. Nesse período, surge, no campo da Enfermagem, Florence Nightingale, que sistematiza um campo de conhecimentos, instituindo uma nova arte e nova ciência para a qual é preciso uma educação formal, organizada com bases científicas. Como arte, a Enfermagem consiste no cuidar de seres humanos sadios e doentes cujas ações tem por base princípios científicos e administrativos e, como ciência, a Enfermagem fundamenta-se no estudo e na compreensão das leis da vida. Assim, da arte e da ciência da Enfermagem emergem suas ações que são entendidas como cuidar-educar-pesquisar, as quais estão interligadas e compõem as dimensões da atuação dos enfermeiros (SILVA, 1995). Contudo, o modelo *nightingaleano*, marco inaugural da Enfermagem moderna, também instituiu a hierarquização do trabalho, gerando, com isso, a dicotomia entre trabalho manual (fazer) e trabalho intelectual (saber) na profissão. A concepção da Enfermagem como sendo uma profissão cujo conhecimento é estruturado em um fazer eminentemente prático ainda predomina, entretanto com significativos movimentos de mudança. O lugar hoje ocupado pela Enfermagem como campo essencialmente prático parece não contemplar os anseios da categoria e como tentativa para superar esse lugar, busca-se a compreensão da genealogia da profissão bem como a problematização de sua prática social e de seu objeto de trabalho (DAHER; ESPIRITO SANTO; ESCUDEIRO, 2002).

A prática de cuidar como habilidade exclusiva ou predominantemente feminina é uma construção social, histórica e cultural cuja origem e constante atualização devem-se às diferentes instituições, em especial às instituições família e escola. Esta concepção é reflexo da divisão social e sexual do trabalho, pois a sociedade delimita com bastante precisão os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTTI, 2013).

O mundo social imprime nos sujeitos um modo de ser e de estar no mundo e este é diferenciado para homens e mulheres e ao analisar os sistemas de ensino, é apontado que a escola produz e inculca *habitus* específicos, propiciando aos que estão direta ou indiretamente a ela ligados, esquemas particulares de pensamento e de ação, que serão adotados em campos diferentes (BOURDIEU, 2015). Desta feita, infere-se que a sociedade imprime ou inculca na mulher um conjunto de valores que lhe confere uma performance específica.

Ao referir-me inicialmente à identidade social da Enfermeira, recorro aos escritos de Daher (2000), que, sob uma abordagem antropológica, realizou uma etnografia sobre a construção social da identidade do enfermeiro, demonstrando a persistência e penetração de um modelo vocacional também denominado cristão-histórico, estruturado num sustentáculo de cunho moral o qual, escondido sob o “modelo profissional” aparentemente hegemônico, na verdade preside o processo de formação

de novos enfermeiros e dá sentido à sua prática profissional.

Florence estabeleceu princípios constitutivos que determinam a construção da identidade do enfermeiro, e, mesmo não estando esses princípios formalmente instituídos nas escolas, por meio de conteúdos, os enfermeiros ainda recorrem a eles para justificar sua prática profissional. Os princípios apregoados por Florence representam coletivamente o enfermeiro como um profissional dedicado, solidário, fraterno, compreensivo e, acima de tudo, caridoso (PASCHOAL, 2004). Daher (2000) refere que, para Florence, o enfermeiro era o profissional que devia ter conhecimento e preparo específicos, mas devia assumir a profissão como 'missão', com total dedicação aos doentes, com o espírito religioso de servir. Nesse sentido, a versão passada pela história da Enfermagem é a de que os enfermeiros adotaram como princípio norteador da profissão, durante séculos, o trabalho caritativo realizado exclusivamente por mulheres e controlado pela igreja. Todavia, a Enfermagem pós-*nightingaliana* ou Enfermagem profissional tenta ultrapassar o estigma social que recai sobre a profissão, adotando princípios científicos e recrutando jovens mulheres de classes sociais reconhecidas. Apesar disso, o modelo cristão-histórico-feminino e o modelo vocacional continuam presentes, não cedendo espaço para o modelo profissional (PASCHOAL, 2004). Dessa forma, até este período histórico, não houve elaboração de meios de trabalho voltados ao cuidado de Enfermagem, mas sim às práticas ideológicas, técnicas disciplinares, o que atribui ao trabalho de Enfermagem uma hierarquia de poder, objetivando auxiliar o trabalho médico na cura dos doentes (DAHER, 2000).

A transposição desses modelos para um modelo profissional moderno ocorreu com o início do desenvolvimento do saber de Enfermagem focado no cuidado. Esse modelo tenta marcar seu lugar nas últimas décadas. A organização dos princípios científicos que norteiam a prática de Enfermagem, que até então era vista como não-científica, baseada apenas na intuição, possibilitou uma prestação de cuidados prescritos, para satisfazer as necessidades biopsicossociais dos pacientes, fundamentados cientificamente, com base, sobretudo, nas ciências naturais (anatomia, microbiologia, fisiologia, patologia) e nas ciências sociais. Então, o saber da Enfermagem construiu-se sob o saber da medicina e de outras áreas do conhecimento, tentando obter o embasamento necessário ao desenvolvimento de sua prática, iniciando, assim, a dimensão do trabalho intelectual (PASCHOAL, 2004). Desta feita, sua identidade confronta-se com múltiplas possibilidades, gerando incertezas e questionamentos.

Ao longo do processo de formação da Enfermeira, percorre-se uma trajetória vincada por momentos bastante singulares. O estudante quando chega a Faculdade de Enfermagem alberga categorias apreendidas em diferentes instituições sociais onde preliminarmente foram desenvolvidas.

O estigma em relação a Enfermagem e em específico em relação a Enfermeira é social e familiar. Outrossim, chegam a Escola com os mais variados estereótipos. Num primeiro momento, no Ciclo Básico, convivem num ambiente onde a maioria

dos seus professores e monitores não são enfermeiros, num ambiente tomado por discriminações que reforçam e atualizam tais estereótipos. Entretanto, no momento em que o acadêmico passa ao ciclo profissional, depara-se com um ambiente onde procura-se combater todos os modelos previamente inculcados. Não obstante, passa pela experiência que Foucault (2014, p.75) denomina de “disciplinarização de mentes e corpos”.

Na Faculdade de Enfermagem o graduando torna-se Enfermeiro resultando na aquisição de habilidades técnicas e características morais. Há constante *inculcação de hábitos*, conforme termo cunhado por Bourdieu (2015), a qual se faz presente nessa fase de formação, por meio de aulas, palestras, cerimônias e rituais originando o Modelo Vocacional. Contudo, no desenvolvimento da graduação, os acadêmicos se defrontam com outros colegas, professores e enfermeiros que apresentam conjuntos de valores e ideias as quais acabam por ir de encontro a tal paradigma. Vislumbra-se a alternativa do Modelo Profissional Moderno com base na qualificação e na competência. Portanto, há existência paralela desses padrões cotidianamente. Muitas vezes os alunos omitem ou negam o modelo vocacional e é ambígua a posição das Escolas de Enfermagem, pois na mesma medida em que apregoam uma Enfermagem científica, não conseguem distanciar-se efetivamente do Modelo Vocacional, determinando origem de conflitos e crise de sua identidade (DAHER, 2000, p.127).

A autora supracitada conclui que as faculdades de Enfermagem transmitem para os estudantes uma imagem idealista da Enfermagem como profissão autônoma, moderna, valorizada e imprescindível para a saúde, porém permanece mantendo a chama do Modelo Vocacional fortemente atrelada à formação.

Num estudo comparativo acerca da escolha profissional entre enfermeiras peruanas e brasileiras, constatou-se nas falas das enfermeiras brasileiras emergiram com maior frequência as imagens servil e vocacional, enquanto que, nas falas das enfermeiras peruanas, a imagem profissional foi ressaltada (RIBEIRO et al., 2006).

Todavia, a sociedade continua a visibilizar o Enfermeiro como auxiliar, não reconhecido e desvalorizado. Ao tornar-se egressa, a enfermeira literalmente desencastela-se e descobre o externo à faculdade: estereótipos, desvalorização sócio-profissional. À vista disso, o Modelo Profissional Moderno é uma das tentativas, surgidas no grupo social, o qual poderia deflagrar a senda da mudança (DAHER, 2000, p.128).

Em outra pesquisa, Oliveira (2006), refere que no aspecto filosófico, a construção da identidade é cultural por considerar o feixe de representações, de símbolos, de imaginário, de atitudes e referências suscetível ao corpo social. Ao mesmo tempo, encaminha-nos para refletir sobre um tema de magno interesse nos dias atuais, o processo de formação acadêmica e de trabalho em Enfermagem, conforme os requisitos de transformação qualitativa da assistência à saúde, concebida a partir da compreensão do lugar social das enfermeiras e da identidade que elas vão construindo ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional (...) a construção da identidade profissional

da enfermeira é um movimento dinâmico, que faz parte de um contexto sociocultural, histórico e econômico, que envolve mudanças estruturais, como processos centrais na forma de agir e pensar de uma sociedade (OLIVEIRA, 2002).

Em 2002, Oliveira realizou em seus estudos de doutorado ampla pesquisa acerca dessa temática, apontando a importância da mesma. Há uma prática habitual da população de designar como enfermeira qualquer pessoa vestida de branco que esteja atendendo nas instituições de saúde, se não for médico. Essa prática certamente apresenta reflexos nas representações, na autoimagem e na auto (des)valorização das profissionais acerca de seu trabalho e função social.

Fenômeno similar também ocorre com outros profissionais, tais como professores, assistentes sociais, entre outros. “A passagem pelos espelhos” foi a metáfora utilizada nesse estudo que teve como objetivos analisar a construção da identidade profissional da enfermeira, a partir de suas representações sociais sobre três períodos distintos: o anterior ao ingresso na universidade, durante a formação e após a graduação, bem como discutir os processos de construção/desconstrução/reconstrução de sua identidade profissional. O primeiro espelho corresponde ao período anterior à entrada na universidade e revela que a construção da identidade profissional se inicia simultaneamente a construção da identidade juvenil. No segundo espelho, as enfermeiras explicitaram a construção da identidade de resistência, e na passagem pelo terceiro espelho se destacaram as questões práticas do cotidiano da Enfermagem, tais como a qualificação, autonomia e reconhecimento profissional (OLIVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2006).

Cumpramos ressaltar, conforme que a identidade profissional mantém interfaces com elementos de poder, política, filosofia, arte, pois que sua construção ocorre na sociedade. Numa visão cultural, seu reconhecimento está ligado a valores morais, éticos, religiosos, de raça ou povos. Seu valor é referente à importância que assume para a sociedade. Observamos assim que, ao estudar a identidade profissional, estaremos contribuindo para uma melhor compreensão de como as relações e os movimentos sociais acontecem no cotidiano (OLIVEIRA, 2006).

Neste navegar, percebemos que algumas enfermeiras sentiram a chamada divina para ajudar o próximo. Outras ingressaram no curso, motivadas pela percepção da vocação para trabalhar com os doentes no hospital, pois sentiram que deviam respeitar sua própria vocação. Ainda, houve as que procuraram a Enfermagem por ser uma das poucas opções de curso em suas cidades, pela possibilidade de conseguirem emprego com brevidade e por não terem sido aprovadas em outros vestibulares (RIBEIRO et al., 2006).

As investigações sobre o processo de construção de identidade profissional, de acordo com Oliveira (2006), precisam envolver, simultaneamente, uma reflexão cuidadosa sobre o lugar do indivíduo, no contexto dos movimentos sociais, segundo o enfoque político e cultural, entendido como o espaço de relações de poder. Do ponto de vista sociológico, podemos considerar que toda e qualquer identidade é construída

socialmente.

A principal questão, na verdade, diz respeito “a como”, “a partir de que”, “por quem”, e “para que” isso acontece. Em linhas gerais, o conteúdo simbólico, imagens visuais e mentais, de uma identidade depende de quem a constrói e para que é construída. Indivíduos, grupos sociais e sociedades reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em determinada estrutura social, que define certa visão de tempo e espaço, hegemonicamente. Oliveira (2006, p.152) conclui que a construção da identidade profissional da enfermeira é um processo dinâmico que (...) desloca seu eixo principal para a auto-identificação, a intersubjetividade da ação humana, em função da saúde e do bem-estar social, da liberdade de expressão e da preservação do equilíbrio ecológico.

Desta maneira, os objetivos desta investigação foram: Compreender as implicações da imagem da Enfermagem pela sociedade no processo de decisão profissional do acadêmico. Identificar a concepção dos graduandos de Enfermagem quanto às influências da configuração identitária da profissão. Analisar como a concepção sobre a identidade social da Enfermagem repercute no processo de decisão profissional do acadêmico.

A motivação para realização deste estudo tem sua gênese nas minhas vivências a partir de acadêmica de Enfermagem, onde percebia indefinida a pessoa da Enfermeira. Nesse período estive diante de situações de processo ensino-aprendizagem em que não se evidenciavam somente questões de currículo e conteúdo, mas sim, relações e ocorrências em que percebia a mim e a Enfermagem como um todo, como sujeitos a juízos de valor, pré-conceitos e discriminações.

Percebia que os conteúdos da maioria das unidades curriculares consideradas básicas, geralmente pertencentes ao Instituto Biomédico eram ministrados de forma superficial e rapidamente, cujos docentes estimulavam nos acadêmicos a repetição mecânica de saberes que deveriam ser compreendidos e sem qualquer tipo de relação clara com as Ciências de Enfermagem. Lia textos e me identificava neles: “ Há discriminação com relação às turmas de Enfermagem do ciclo básico e este parece ser um dos problemas que a Reforma Universitária não conseguiu superar. ‘Nas aulas de Anatomia, entendeu? O pessoal de Enfermagem nunca precisava de muito porque era Enfermagem’ ... “(MIRANDA; SAUTHIER, 1989).

Observava que havia certo desinteresse dos professores do Instituto Biomédico em lecionar para os graduandos de Enfermagem e quando algum colega realizava indagações, no sentido de ampliar o que estes docentes estavam ensinando, as respostas eram vagas, imprecisas ou simplesmente réplicas que caracterizavam a impressão de que estes professores não consideravam que fossem necessárias magnas exegeses de conhecimentos biológicos para os acadêmicos de Enfermagem.

As contradições da prática profissional que permeiam o pensar/fazer, a teoria/prática e o cuidar/administrar, não são explicitadas nem enfrentadas durante o processo de formação o que reforça a divisão técnica e social do trabalho e favorece a crise de

identidade: “[...]. Tem aula que é aquela coisa: Chegou, falou um pouquinho e pronto! [...] Acho que a faculdade tem que investir em profissionais mais capacitados. [...] Algumas cadeiras não atenderam às minhas expectativas [...] não foram bem dadas” (SOUZA JÚNIOR et al., 2003).

Na minha percepção da época, aqueles professores não investiam nesse alunado porque viam a Enfermagem como uma profissão menor, desprovida de prestígio e valor social. Eles, os professores, desconheciam a identidade da Enfermagem e do Enfermeiro. E na maior parte das situações os próprios alunos também. Quando passei por experiências relativamente a monitorias em disciplinas básicas, era vista com estranheza por alguns acadêmicos da área da saúde e até indignação quando estavam frente a uma acadêmica de Enfermagem em laboratórios de Microbiologia, Genética e Anatomia. Ao questionar discrepâncias e metodologias aplicadas no ensino e avaliação de acadêmicos de Enfermagem em Patologia e Anatomia no que se refere a assertivas de meu próprio aprendizado, fui posta em prova mais de uma vez, tornando evidente para mim que a sujeição do alunado de Enfermagem era esperada por esses professores.

Na Residência em Enfermagem Clínico-Cirúrgica e como enfermeira plantonista em hospital público, inserida nas problemáticas do sistema de saúde e na docência, percebi que havia discursos semelhantes à experiência que havia tido. Repetidamente os acadêmicos de Enfermagem referiam sentimentos de inferioridade e discriminação que influenciavam em sua motivação para estudar, crescer, desenvolver e permanecer na Enfermagem.

Para fundamentar a justificativa, foi realizado preliminarmente um levantamento online no Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem - CEPEn, por sua vez criado em 17 de julho de 1971 e destinado a incentivar o desenvolvimento e a divulgação da pesquisa em Enfermagem, organizar e preservar documentos históricos da profissão. Possui, em seu acervo, o maior banco de teses e dissertações na área de Enfermagem no Brasil. Buscando no arco temporal de 2001 a 2014 foi constatado que o total de pesquisas acadêmicas nesse período foi de 7.369. Dessas, 11 apresentavam o termo “identidade” em seu título. Três utilizavam o referencial teórico proposto nesta investigação.

A relevância dessa investigação decorre das recorrências presentes em periódicos acerca do estudo desta temática, demonstrando constituir-se uma discussão atual. Nestes termos, faz-se necessário repensar as constituições identitárias da Enfermagem que repercutem na formação da identidade profissional do Enfermeiro. Além disso, é prioridade na agenda brasileira de pesquisa a formação dos profissionais de saúde em consonância com as exigências da atualidade, advindas com as Diretrizes Curriculares Brasileiras de 2001.

O ensino em Enfermagem é fortemente relacionado à formação da identidade profissional e social do Enfermeiro, de acordo com o que nos ensina Daher (2000). Assim, visualizo esta pesquisa como um instrumento para reconhecimento das forças

presentes nos processos de ensino e como colaboração para construção de um currículo de Enfermagem em conformidade com as necessidades reais, buscando, em longo prazo, uma melhor inserção da Enfermagem na Universidade e na sociedade.

No que tange a prática assistencial, os resultados desse estudo poderão contribuir não somente para os professores, mas também para os enfermeiros relativamente à reflexão quanto a práxis de Enfermagem, no sentido de procurar desenvolver nos formandos de Enfermagem, perfis ativos, críticos e reflexivos, em vista de uma Enfermagem com autonomia e reconhecimento social.

No estado da arte, os estudos selecionados trazem sobre esta tônica achados bastante interessantes, bem como alguns hiatos. Dos periódicos analisados, o com maior percentual de artigos sobre a identidade profissional/social da enfermeira foi a Revista Brasileira de Enfermagem, o órgão oficial de publicação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). É o mais antigo periódico da Enfermagem brasileira e sua missão é divulgar a produção científica das diferentes áreas do saber que sejam do interesse da Enfermagem. Tal periódico contribui para nossa amostra com 3 artigos (27,7).

A seguir, temos a Revista Latino Americana (EERP-USP) de Enfermagem e a Acta Paulista (EPE-UNIFESP), com 2 (13,3%) artigos cada. As demais revistas científicas como Texto e Contexto em Enfermagem, Revista da Escola de Enfermagem da USP, Revista da Escola de Enfermagem das UERJ e Nursing aparecem com 1 artigo cada (36,6 %) da produção na área de busca desta revisão. Quanto às dissertações e teses também observa-se preponderância de publicações paulistas, posto que das 4 investigações acadêmicas, 3 pertenciam a USP e 1 a ENSP-FIOCRUZ.

No que se refere as bases de dados, a maior parte das publicações foi localizada no LILACS, a saber, (9; 60%). O LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) é o mais importante e abrangente índice da literatura científica e técnica da América Latina. Em seguida, a Base de Dados de Enfermagem, BDEF (2).

Se o foco de análise é o objeto ou objetivo das pesquisas antepostas, constatou-se que dos 11 artigos em língua portuguesa, 5 (45,4%) referem-se a pesquisar o processo de construção, percepção ou significado da identidade da Enfermagem ou do enfermeiro. Se incluir nesta análise os trabalhos acadêmicos (dissertações ou teses), este valor absoluto sobe para 6, entretanto, com o aumento quali-quantitativo dos trabalhos, o valor relativo seria de 40% referentes à pesquisas em torno do cerne identidade Enfermagem/enfermeiro.

Próximo desse balanço, 3 (27,7%) artigos apresentaram como objetivo compreender como se processam as representações sociais da Enfermagem/enfermeiro frente a estudantes do ensino médio, profissionais de comunicação e profissionais de Enfermagem negros. Nas pesquisas elencadas 2 trabalhos tiveram como núcleo a construção ou validação de instrumento / questionário para aplicação em alunos de ensino médio, sendo que um desses artigos é oriundo de uma das teses escolhidas. Em última instância, 1 artigo e 1 dissertação realizaram investigações

acerca do perfil sócio demográfico dos alunos de Enfermagem. Finalmente, 1 tese versa sobre a relação da disciplina História da Enfermagem e a formação da identidade do enfermeiro.

Os objetivos explicitados nos artigos revisados demonstram que foram sistematizados de maneira a fazer surgir as características descritivas e explicativas de seus resultados. Os objetivos tratavam de “compreender o processo de construção da identidade das enfermeiras...; compreender o processo de construção...; descrever e analisar as imagens profissionais presentes nas representações sociais de enfermeiros...”, características que certificam, nos artigos revisados, que o conhecimento da identidade profissional da enfermeira está ainda muito centrado na explicação de fatos e eventos que marcam o construído pela história da Enfermagem como profissão.

Assim, constata-se que existe maior quantidade de pesquisas sobre a percepção dos alunos (seja de ensino médio ou superior) sobre a identidade da Enfermagem/enfermeiro, contudo menor número de pesquisas que construam e validem instrumentos efetivos para esta análise. Igualmente não encontrei pesquisas em bases de dados fidedignas que demonstrem a percepção dos professores não-enfermeiros (e outros profissionais de saúde) sobre a profissão e a carreira de Enfermagem, o que poderia influenciar no tipo de ensino oferecido aos acadêmicos de Enfermagem.

Uma outra lacuna importante refere-se a pesquisas nas quais desenvolvam-se estratégias efetivas para promoção social da imagem coerente da enfermeira, compatível à importância para a humanidade.

No que se refere ao delineamento metodológico 9 dos estudos (60%) utilizaram abordagem qualitativa, 1 (6,6%) quantitativa e 2 quali-quantitativa. Uma pesquisa caracteriza-se como instrumental e 2 estudos especificaram utilização de abordagem histórica. Bastante relevante uma vez que diverge da revisão de Bellaguarda *et al.* (2011, p. 181), o qual relata que:

[...] o estudo da identidade da enfermeira se centra na abordagem histórica. Traz à tona a incipiência de discussões práticas da identidade da profissional enfermeira para um delineamento mais operacional das possibilidades do “ser” enfermeira na atualidade.

Desta feita, apesar de evidenciar-se nesta amostra cinco investigações de natureza descritiva e duas exploratórias enquanto diagnóstico situacional em diversos cenários, já se mostra preocupação em quantificar, validar e instrumentalizar constructos para intervenções, no que se refere a identidade da enfermeira, nesses mesmos cenários.

A determinação de um referencial teórico ou conceitual aparece em seis (40%) das produções estudadas. Trata-se de ponto relevante a ser discutido nas apresentações de trabalhos científicos pois que a consistência epistemológica e o rigor metodológico são considerados requisitos de qualidade das pesquisas. São elencados pelos autores: multirreferencial (1), representações sociais (3), Foucault (1) e Da Silva e Ribeiro Filho

e Pasquali (1).

Nesse sentido o *corpus* revisado apresentou como método de análise de dados as seguintes abordagens: análise de conteúdo (um; 6,6%), seguida pela análise de teoria fundamentada nos dados (seis; 40%) e discurso do sujeito coletivo (dois; 13,3%).

As investigações internacionais acerca de identidade social/profissional da Enfermagem/enfermeira mostraram-se bem diversas, tratando desde bases teóricas identitárias, mídias sociais até testes de recrutamento baseado em valores de Enfermagem.

METODOLOGIA

Abordagem qualitativa e exploratório-descritivo. Trata-se ainda de pesquisa de campo. Como sujeitos, os acadêmicos de Enfermagem da UFF do quinto período da graduação. O sociólogo Claude Dubar foi eleito para referencial teórico, o autor investiga as Identidades Profissionais e a Sociologia do Trabalho, desvelando variações das formas identitárias profissionais que aportam nas relações de trabalho e nas relações sociais e explana que as identidades profissionais são modificadas ao longo da trajetória de vida. Como instrumento de coleta de dados foi um questionário semi-estruturado.

A coleta foi realizada durante segundo semestre do ano de 2017 e optou-se pelos seguintes critérios de inclusão: matriculado no quinto período de Enfermagem da UFF, ter cursado as disciplinas de Fundamentos de Enfermagem e as disciplinas básicas. Critérios de exclusão: ausente no dia e local determinado para a coleta de dados e recusa em responder o questionário. A amostra abarcou 25 graduandos. Para a análise de dados foi realizada a análise temática de conteúdo com base em Minayo (2014). Foram observadas as recomendações éticas para a realização da investigação científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram construídas quatro Unidades De Contexto as quais sumarizaram as ideologias predominantes emergentes dos discursos dos acadêmicos. A unidade de contexto é uma unidade mais ampla do que a unidade de análise e serve de referência a esta, fixando limites contextuais para interpretá-la. Cada unidade de contexto, geralmente, contém diversas unidades de registro. Ainda que seja desejável e importante procurar definir a unidade de análise de modo a terem um significado completo em si mesma, também é uma prática da análise de conteúdo definir, juntamente com estas unidades, um outro tipo de unidade de conteúdo, a unidade de contexto. As unidades de contexto elaboradas foram: 1. O cuidado e o cuidar. 2. As vicissitudes do percurso as carreiras valorizadas. 3. Da aceitação e orgulho à negação e preconceito. 4. Os contextos da Enfermagem: *status*, salários, jornadas e áreas de atuação.

As Unidades De Registro, também denominadas “unidades de análises” ou “unidades de significados”, é o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação. Toda categorização ou classificação necessita definir o elemento ou indivíduo unitário a ser classificado. Na análise de conteúdo denominamos este elemento de unidade de análise. A natureza das unidades de análise necessita ser definida pelo pesquisador. As unidades podem ser tanto as palavras, frases, temas ou mesmo os documentos em sua forma integral. Nesta pesquisa foram encontradas 118 unidades de análise.

No que tange a classificação das unidades em categorias ou categorização, trata-se de um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios, nesta investigação foram definidos como semânticos, ou seja, concedendo ênfase ao significado das palavras e, por conseguinte, originando categorias temáticas. O processo de categorização deve ser entendido em sua essência como um processo de redução de dados. As categorias representam o resultado de um esforço de síntese de uma comunicação, destacando neste processo seus aspectos mais importantes. Ao buscar conhecer e compreender as razões da escolha por esta profissão ímpar, singular e complexa que é a Enfermagem, é imprescindível lançar-se no universo de imagens e significados.

As categorias temáticas elencadas neste estudo foram: O ser enfermeiro - identidade para si. A opção pela Enfermagem - caminhos e descaminhos da escolha profissional. A reação da família/amigos à Enfermagem: - identidade para o outro. Projetando o futuro profissional.

No que se refere à categoria 1- O ser enfermeiro: identidade para si, pode-se ampliar a compreensão de *ser enfermeiro* destacando que o enfermeiro é um profissional importante, qualificado para cuidar. Nesse sentido, Castanha e Zaganel (2005, p. 557) reportam-se a teoria humanista, cujo enfoque se embasa no cuidado praticado pelo enfermeiro. Esse vínculo que transcende a relação sujeito-objeto é "uma relação intersubjetiva, baseada na consciência existencial que ele tem de si e do outro".

Os alunos ingressantes na Enfermagem revelam que estes se sentem realizados por passar no vestibular e valorizados por estar em uma Universidade, todavia, têm incertezas quanto ao curso e futuro por enfrentarem uma nova situação (SPÍNDOLA, MARTINS, FRANCISCO, 2008). Analisando a percepção dos estudantes do ciclo básico da graduação de Enfermagem sobre o que é ser enfermeiro, percebe-se que os estudantes têm dificuldades em elaborar um conceito fundamentado sobre a profissão e destacam a importância de os alunos conhecerem melhor a Enfermagem e serem conscientizados do papel que desempenharão na estrutura social e multidisciplinar preservando sua autonomia (SALES; GREGÓRIO; ANDRADE, 2010).

Entendemos que os discentes “calouros” chegam à faculdade de Enfermagem

com uma personificação do enfermeiro que é resultante do ideário social cristalizado ao longo de séculos de história. O arquétipo condensado em suas mentes costuma sublimar em adjetivos como um ser submisso, dócil, secundário, parvo, altruísta, piedoso. No entanto, ao analisar-se uma turma de quinto período, a situação transmuta-se. Este grupo já cursou as disciplinas básicas e unidades curriculares como de Fundamentos de Enfermagem e Enfermagem em Saúde do Adulto, que apresentam especificidades da profissão, além de contatos com professores enfermeiros. Este conjunto contextual promove gradativamente a desconstrução e reconstrução de uma imagem que em última análise propicia a elaboração da identidade profissional do enfermeiro e vinculando-o ao cuidado/cuidar.

Assim, esta categoria retratou a concepção dos estudantes em relação ao profissional enfermeiro como um indivíduo em sociedade, exteriorizando uma identidade pessoal e profissional percebida para si. Vem ao encontro do relatado por Dubar (2009, p 216.):

[...]a identidade profissional é considerada um processo e não um estado em si, para ser construída no âmbito da educação, envolveria ensino e aprendizagem, interligados e relacionados do ponto de vista dialético. Diante do exposto, podemos dizer que a identidade construída no processo de formação profissional é constituída por múltiplas identidades como a individual, a social, a organizacional, a coletiva, nas quais a interação é o elo entre elas e os indivíduos.

No que diz respeito à categoria 2-A opção pela Enfermagem: caminhos e descaminhos da escolha profissional, Val, Sá e Santos (2004) observaram que os motivos que fizeram os alunos buscar a Enfermagem foi gostar da profissão e para aumentar o conhecimento técnico-científico, considerando aspectos positivos os vários campos de atuação do enfermeiro e a colaboração com a cura; e, como aspectos negativos, os baixos salários e lidar com a morte. Todavia, os estudantes iniciam o curso com a visão de que ser enfermeiro é gerenciar os serviços de Enfermagem, sendo capaz de cuidar, ajudar, manter e promover a saúde da população. No tocante à opção pela profissão da Enfermagem, treze unidades de análise puderam ser compreendidas de forma positiva, segundo o discurso, sob a perspectiva dos estudantes. Em contraposição, onze falas inferem como desfavorável a condição de alternativa pela carreira.

Sabe-se que na sociedade, cada vez mais precocemente os pais colocam seus filhos para estudar, atividade esta que irá desenvolver por grande parte da sua existência. Ingressar no ensino superior passa a ser um objetivo ansiosamente perseguido. Porém persegue-se também o status social, e por isso durante toda preparação pré-universitária ouve-se falar incessantemente em cursos de maior valorização social como deixa claro o depoimento de um dos respondentes: *“os professores dos cursinhos só falam em medicina, direito, odontologia, em momento algum eles falam em outra profissão, ou se quer sabem o que estas fazem”*. Como reflexo do tipo de preparação,

com ênfase no status social, verificou-se na população estudada uma multiplicidade de vezes que se prestou vestibular, prioritariamente para medicina (50%) e 26,92% para outros cursos e, mais tarde, para Enfermagem, denotando a hegemonia cultural dos outros cursos (CARDOSO; MATOS; VIEIRA, 2003). No momento de escolha profissional, e pressionado por uma barreira real que é a dificuldade de entrada na universidade, são encorajados por pares, familiares, professores a buscar carreiras que representam status e associações de poder e sucesso, sofrendo, assim, a influência de sua inscrição social e pertença grupal na construção de sua representação. Dessa forma, a linguagem, por meio da comunicação interpessoal, institucional e, sobretudo, as midiáticas, participa nessa produção da imagem do enfermeiro (FONSECA; SILVA, 2012).

Foi evidenciado que a escolha da profissão pelos alunos que realizam vestibular para Enfermagem baseia-se, principalmente, na inclinação para a área da saúde, como, também pela proporção candidato/ vaga ser bem menor do que nos cursos considerados de maior prestígio social. Acreditam que o próprio sistema de seleção à universidade ainda reproduz as diferenças existentes entre as classes sociais “determinando que nas carreiras de menor “status” social, predominem alunos procedentes das classes de menor poder econômico e capital cultural (MENEZES; BAPTISTA; BARREIRA, 1998). Estudantes fizeram esta opção porque a Enfermagem era próxima da medicina e demais carreiras da área de saúde, apresenta um fértil mercado de trabalho e está relacionada ao cuidado e prevenção de doenças. (SPÍNDOLA; MARTINS; FRANCISCO, 2008).

No perfil dos alunos ingressantes na graduação em Enfermagem da EEUSP em 2003 observaram-se semelhanças e diferenças entre os alunos de três décadas anteriores, constatando que os alunos buscam a realização profissional e seguem idealistas, optam pela Enfermagem pelo desejo de ajudar as pessoas identificando-se com os ideais da profissão do enfermeiro (OGUISSO et al., 2006).

A existência de profissões que são frequentemente vistas na mídia como detentoras de saber e poder associada com a questão do desconhecimento social do que faz a Enfermagem pode ser a causa de os estudantes tenderem a procurar a Enfermagem num segundo momento de decisão profissional. A indagação do motivo pelo qual elegeu a Enfermagem vem estampada de frustrações e impedimentos para onze graduandos de nossa amostra.

Desta maneira, a categoria supracitada refere-se aos traços relacionados ao itinerário percorrido que subsidiaram a escolha profissional sob a visão dos graduandos. Traz assertivas, recusas e resultados da realidade vivida pelos estudantes participantes da pesquisa sobre aceitação ou negação da escolha profissional pela Enfermagem. Dubar (2001) demonstra que o caminho para chegar às formas das identidades, é necessário compreender as representações ativas, ou seja, através dos discursos dos indivíduos sobre suas relações sociais. Essas representações ativas podem ser analisadas através das seguintes dimensões: Da interação do indivíduo com o sistema

ao qual ele está inserido; da relação com o futuro; do modo como ele descreve e vivencia uma situação. Goffman (1988) sustenta que identidade social apresenta duas vertentes. Uma delas é a *identidade social virtual*, quando atribuímos aos outros uma categorização (e em contrapartida, como os outros nos vêem). Existe igualmente uma *identidade social real*, que se refere à categoria e aos atributos que o indivíduo possui na realidade. Portanto, cada indivíduo acaba tendo que articular esses dois processos: a identidade que lhe é atribuída, *virtual* e a identidade com a qual se identifica, a *real*.

Entende-se que o desequilíbrio entre ambas suscita desapontamento, insatisfação e revolta.

Nomeadamente a categoria 3- A reação da família/amigos à Enfermagem: identidade para o outro demonstra o quanto o ambiente social influencia na autoimagem destes indivíduos. A profissão, às vezes, tem em si questões históricas tatuadas, geradoras de preconceitos, podendo influenciar de forma positiva ou negativa na autoimagem e conseqüentemente na escolha profissional (RODRIGUES; LIMA; SOARES, 2003).

A experiência de momentos e situações em um ambiente sociável colabora para desenhar uma necessidade pessoal e desenvolver uma atitude projetada para determinar a carreira que se pretende seguir. No que concerne à opção pela profissão da Enfermagem, 14 unidades de registro puderam ser interpretadas de forma positiva, segundo o discurso, sob a perspectiva dos familiares dos participantes. Entretanto, constatou-se que a suposta “positividade” da parentela tem mais a ver com as bases gregárias do amor familiar do que com a reflexão e reconhecimento social acerca do valor da Enfermeira.

Dubar (2005) afirma que os processos de socialização se realizam na interação face a face com outras pessoas. No entanto, as modificações e a forma como a interação ocorre no cotidiano, a partir de um enfoque micro, estão ligadas, de certa maneira, às estruturas complexas de um enfoque macro. A forma de olhar a relação indivíduo/sociedade estrutura-se a partir do desenvolvimento da ideia de que a identidade é um produto da socialização. A partir do momento em que o indivíduo participa de diferentes esferas, ele passa a adotar os papéis que representam essas instituições.

Da aceitação e orgulho à negação e preconceito, esta categoria descreve as evidências relacionadas à identidade da Enfermagem para outrem (familiares, amigos, conhecidos) pela ótica dos acadêmicos e alberga em seu bojo as reações, sentimentos e atitudes acerca da aceitação ou negação da escolha profissional pela Enfermagem. Nesse movimento de interação com diversos meios ou grupos ocorrem os processos biográficos que se traduzem na identidade para si (definição de si). Nessa conjuntura, a identidade para si está apoiada nas identidades herdadas, porém passa a sofrer mutações com a entrada no mercado de trabalho. Esse período é estabelecido na transição da adolescência para a vida adulta e que permitem a desenvoltura dos processos relacionais (identidade para o outro/rotulagem por outrem) (DUBAR, 2009).

No que tange a categoria 4- Projetando o futuro profissional, Bohoslavsky (2015)

aponta que existem poucos estudos direcionados à relação do homem com seu futuro. Para tanto, enaltecem a importância da Psicologia de Orientação Profissional ao se referir ao futuro do indivíduo em sua profissão escolhida.

Para Coutinho, Krawulski e Soares (2007), ocorrem modificações constantes, acarretando em reconfigurações de identificação, pois existe uma integração no mundo laboral com o passado (o que foi vivido), com o presente (o que executa), com o futuro (o que se pretende).

Dubar (2005, p. 97) afirma que há características pontuais nos indivíduos que constitui em:

Uma incorporação dos modos de ser (de sentir, de pensar e de agir) de um grupo, da sua visão do mundo e da sua relação com o futuro, das suas posturas corporais, assim como das suas crenças íntimas. Quer se trate do grupo de origem no seio do qual se desenrolou a primeira infância e ao qual pertence “objetivamente” ou de um grupo exterior no qual quer integrar-se e ao qual se refere “subjetivamente”, o indivíduo socializa-se, interiorizando valores, normas, disposições que o tornam um ser socialmente identificável.

No que concerne as expectativas em relação à profissão, os dados indicam que os discentes esperam a realização profissional, pessoal e o retorno financeiro com a carreira. (SPÍNDOLA; MARTINS; FRANCISCO, 2008).

Por outro lado, trabalhos que analisam as razões da evasão na profissão evidenciaram como principais fatores desencadeantes a falta de liberdade para exercer o trabalho e a submissão. O poder, porém, é uma “faca de dois gumes”, porque a autonomia é buscada, mas em contrapartida, a intensa idéia de multidisciplinaridade gera uma atitude simpática do enfermeiro com outros profissionais na intenção de evitar conflitos, não impondo uma resistência explícita à submissão (SOUZA JUNIOR et al., 2003).

Essa categoria demonstra a imagem do futuro da profissão de Enfermagem e do graduando, participante dessa pesquisa, no que diz respeito à visualização do seu porvir como profissional inserido nessa área. “A saída do sistema escolar e o confronto com o mercado de trabalho constituem um momento essencial na construção da identidade autônoma”. Do resultado deste confronto dependem as modalidades de construção de uma identidade “profissional” de base que constitui não só uma identidade do “trabalho”, mas também e, sobretudo uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória de emprego e o desencadear de uma lógica de aprendizagem, ou melhor, de formação (DUBAR, 2005, p. 114).

Conforme refere Dubar (2005, p. 136) Identidade é o "resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições".

CONCLUSÃO

Os acadêmicos trazem consigo interpretações do que é *ser enfermeiro* a partir de suas vivências e experiências consubstanciadas com o que a sociedade pensa a respeito da figura do enfermeiro. A escolha pela Enfermagem se dá por inúmeros caminhos, que se inter-seccionam em determinados lances e tornaram a Enfermagem parte fundamental da vida desses estudantes.

A multifatoriedade percebida neste estudo encontrou respaldo na literatura científica e apuram-se paradigmas e alegorias da Enfermagem historicamente alicerçados, veiculados e condensados nas abstrações sociais. A conjunção de virtudes, limitações e imagens que compõem a Identidade Profissional da enfermeira configuram-se na imagem servil e submissa, na imagem inepta e vocacionada e a imagem profissional, em contínua busca de especificidade e especialidade do seu saber e fazer. No conflituoso *continuum* pelo reconhecimento, valorização e respeito atrelados à construção de uma identidade profissional, o enfermeiro movimenta-se perenemente pela busca de uma imagem que possa corresponder com suas aspirações no sentido de lutar pela mudança de seu *status-quo*. É de vital importância atentar para os estudos que refletem a identidade social e profissional para compreensão da carreira em sua plenitude utilizando-se conceitos de psicologia social e sociologia das profissões. Desta forma são desvelados confrontos, embaraços, e triunfos, tanto para os profissionais da Enfermagem quanto para os que a escolhem como profissão. Isto porque se não se sabe quem é não se saberá desenhar sua própria senda nem tampouco proteger sua própria seara.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem – CEPEn. Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/site/cepen/>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

BELLAGUARDA, M. L. R. et al. Identidade da profissional enfermeira caracterizada numa revisão integrativa. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 2, n. 3, p. 180-183, 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/01/Identidade-da-profissional-enfermeira-caracterizada-numa-revisao-integrativa.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I; PADILHA, M. I. C. S. (Org.). *Enfermagem: história de uma profissão*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de nov. de 2001. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem*. Brasília, DF, nov. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CARDOSO, N. C. S.; MATOS, M. F. S.; VIEIRA, M. J. A opção pela Enfermagem: estudo retrospectivo

em Sergipe. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 56, n. 6, p. 640-645, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n6/a10v56n6.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

CASTANHA, M. L.; ZAGONEL, I. P. S. A prática de cuidar do ser enfermeiro sob o olhar da equipe de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 58, n. 5, p. 556-562, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-71672005000500011&lng=pt&nrm=iso&tling=pt>. Acesso em: 20 jan. 2017.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre (RS), v. 19, n. spe, p. 29-37, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2017.

DAHER, D. V.; ESPIRITO SANTO, F. H.; ESCUDEIRO, C. L. Cuidar e pesquisar: práticas complementares ou excludentes?. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto (SP), v. 10, n. 2, p. 145-150, 2002.

DAHER, D. V. *Por Detrás da Chama da Lâmpada*. – Um estudo de processo de construção da identidade social do enfermeiro. Niterói (RJ): EDUFF, 2000.

DUBAR, C. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fonte, 2005.

DUBAR, C. **Identidade profissional em tempos de bricolage (entrevista com Claude Dubar)**. *Revista Educação e Contemporaneidade*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 152-156, 2001.

FONSECA, L. F.; SILVA, M. J. P. Desafiando a imagem milenar da enfermagem perante adolescentes pela internet: impacto sobre suas representações sociais. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Paraná, v. 11, suppl., p. 54-62, 2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

GEOVANINI, T. et al (Org.). *História da Enfermagem: versões e interpretações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2010.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC; 1988.

LIMA, M. J. O que é enfermagem? *Cogitare Enfermagem*, Paraná, v. 10, n. 1, p. 71-74, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/4678/3627>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

MENEZES, S. S.; BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. O perfil das(os) alunas (os) de enfermagem da Escola Anna Nery: décadas de 20, 30 e 90. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 34-48, 1998.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MIRANDA, C. M. L.; SAUTHIER, J. Evasão: um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n. 1-2-3-4, p. 134-140, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671989000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2016.

OGUISSO, T. et al. Perfil do estudante ingressante no curso de graduação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. *Revista Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 109-116, 2006.

OGUISSO, T.; FREITAS, G. F. *História da Enfermagem* - Instituições & Práticas de Ensino e Assistência. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2015.

OLIVEIRA, B. G. R. B. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis (SC), v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2016.

PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da Enfermagem. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, suppl. 1, p. 241-252, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18s1/13.pdf>>. Acesso: 20 nov. 2016.

PASCHOAL, A. S. *O discurso do enfermeiro sobre educação permanente no grupo focal*. 2004. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Enfermagem). – Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PORTO, F.; AMORIM, W. *História da Enfermagem: Identidade, Profissionalização e Símbolos*. 2. ed. São Paulo: Editora Yendis, 2012.

RIBEIRO, A. A. et al. A escolha profissional no imaginário social - enfermeiras brasileiras e peruanas. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 241-250, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452006000200011&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 18 jan. 2018.

RODRIGUES, M. S. P.; LIMA, F. R. F.; SOARES, M. C. P. O estudante de Enfermagem e sua auto-imagem relacionada à profissão. *Nursing*, São Paulo, v. 57, n. 6, p. 24-29, 2003.

SAFFIOTTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SALES, S. M.; GREGÓRIO, V. R. N.; ANDRADE, M. S. O que é ser enfermeiro? Uma visão dos alunos do ciclo básico de Enfermagem. *Nursing*, São Paulo, v. 14, n. 149, p. 512-517, 2010.

SILVA, A. L. O saber nightingaliano no cuidado: uma abordagem epistemológica. In: WALDOW, V. R.; LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E. (Org.). *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a Enfermagem entre a escola e a prática profissional*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1995. p.41- 59.

SOUZA JÚNIOR, J. G. C. et al. Como será o amanhã? responda quem puder! perspectivas de enfermeiros quanto ao seu futuro profissional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 56, n. 4, p. 453-458, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n4/a31v56n4.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

SPINDOLA, T.; MARTINS, E. R. C.; FRANCISCO, M. T. R. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 2, p. 164-169, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2017.

VAL, L. F.; SÁ, F. F. M. F.; SANTOS, R. M. Percepção dos alunos de graduação em Enfermagem sobre ser enfermeiro. *Nursing*, São Paulo, v. 76, n. 7, p. 29- 33, 2004.

SOBRE A ORGANIZADORA

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra - Enfermeira. Doutoranda em Obstetrícia - UNIFESP/UFC (DINTER). Mestre em Saúde Coletiva PPSAC/UECE. Especialização em Saúde Pública - UECE. Especialização em Enfermagem Obstétrica e Saúde da Mulher - 4 Saberes (em conclusão). Docente do Centro Universitário Estácio do Ceará e do Centro Universitário Pitágoras de Fortaleza

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-168-8

